

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Campus Belo Horizonte**

**Faculdade de Educação**

**Andréa Maria Acácio**

**A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO ATRAVÉS  
DO BRINQUEDO E DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Belo Horizonte**

**2019**

**Andréa Maria Acácio**

**A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO ATRAVÉS  
DO BRINQUEDO E DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de Especialização como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade pelo Curso de Pós-graduação Latu Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo de Queiroz Nogueira

**Belo Horizonte**

**2019**

<p>Al68d TCC</p>	<p>Acácio, Andréa Maria, 1977- A desconstrução dos estereótipos de gênero através do brinquedo e do brincar na educação infantil [manuscrito] / Andréa Maria Acácio. - Belo Horizonte, 2019. 55 f., il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientador: Paulo de Queiroz Nogueira</p> <p>1. Educação infantil. 2. Gênero. 3. Sexismo. 4. Relações de gênero. 5. Brincadeiras. I. Nogueira, Paulo de Queiroz. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD –</p>
----------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

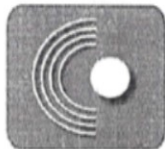
**Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

**Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409**

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>1</sup>.)

\* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO TRIGÉSIMO TERCEIRO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**A desconstrução dos estereótipos de gênero através do brinquedo e do brincar na educação infantil**”, do(a) aluno(a) **Andréa Maria Acácio**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Paulo Henrique Queiroz Nogueira (orientador) e Kassiane dos Santos Oliveira. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Andréa Maria Acácio  
Andréa Maria Acácio

Registro na UFMG: 2018750970

Paulo Henrique Queiroz Nogueira  
Professor(a) Orientador(a)

Kassiane dos Santos Oliveira  
Kassiane dos Santos Oliveira  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva  
Luciana Gomes da Luz Silva  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

## DEDICATÓRIA

Após tantas incertezas, dificuldades e inseguranças, finalmente, cheguei até aqui. Fiz com certeza o meu melhor. Durante esse percurso foram muitas as pedras no caminho, no entanto foi gratificante. Nesse curso todos nós passamos por várias etapas, nossos sonhos foram compartilhados, nossas amizades consolidadas e percebemos que haverá saudade de todos os momentos que passamos juntos. Após essa jornada vimos que cada uma de nós é um elo nessa corrente. Aprendemos a ter paciência, a sorrir dos percalços, a silenciar para não magoar, a ouvir, e principalmente a respeitar. Apesar de trilharmos a partir de agora caminhos diferentes, olharemos para trás com a certeza que tudo valeu a pena. Só agradecimentos tenho a fazer a cada professor, cada colega de turma, aos meus amigos, aos meus familiares por estarem presentes nessa jornada, enfim foram diversos momentos que jamais sairão de minha alma, memória e coração.

“Lute com determinação, abrace a vida com paixão, perca com classe e vença com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é muito para ser insignificante”.

Charlie Chaplin

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que tornou essa caminhada mais sábia e cheia de conquistas.

Agradeço ao orientador Paulo que se dedicou e dispôs do seu tempo e conhecimentos, com tanta doçura, paciência e humanidade.

À interlocutora Kassiane dos Santos Oliveira meus agradecimentos, por enriquecer com seus conhecimentos a banca.

A minha família que me apoiou, compreendendo minha ausência, e torcendo diariamente para minha conquista.

Agradeço a todos os professores que ministraram suas aulas com tamanha competência e dedicação, possibilitando-nos o conhecimento e abertura de portas em nossas vidas.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas de classe que tanto somaram com seus saberes, dúvidas, alegrias, competências e companheirismo, amizade, etc.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota. ”

Theodore Roosevelt

## RESUMO

Abordar as questões referentes à estereotipia de gênero permite-nos compreender como reproduzimos preconceitos diversos com relação ao uso dos brinquedos e mesmo do brincar na Educação Infantil. O objetivo desta pesquisa/intervenção foi possibilitar, às crianças na faixa etária de quatro/cinco anos da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Marta Nair Monteiro, brincadeiras/brinquedos dissociados do sexismo presente nos estereótipos atribuídos ao Feminino e ao Masculino. Esta pesquisa/intervenção possui uma abordagem qualitativa e foi utilizada, como recurso metodológico, a Pesquisa Etnográfica. Assim, através da observação participante e da elaboração de um diário de campo, foi possível compreender, através da minha prática docente, as relações que meninos e meninas estabeleciam com o brincar e os brinquedos numa perspectiva de gênero. Essa pesquisa buscou, ao promover a desconstrução dos estereótipos de gênero, através do brinquedo e do brincar na educação infantil, analisar, brevemente, a relação da educação infantil com as estereotipias de gênero, permitindo que outras relações fossem estabelecidas com os brinquedos e as brincadeiras, assim como o uso da literatura infantil, possibilitando que se tornassem importantes instrumentos da desconstrução desses estereótipos.

Palavras chaves: Estereótipos de gênero, Educação Infantil, Sexismo.Brincadeira.Brincar



## **ABSTRACT**

Addressing questions related to gender stereotyping allows us to understand how we reproduce various prejudices regarding the use of toys and even playing in early childhood education. The aim of this research / intervention was to enable children in the age group of four / five years of the Marta Nair Monteiro Municipal School of Early Childhood Education, toys / play dissociated from sexism present in the stereotypes attributed to Female and Male. This research / intervention has a qualitative approach and were used, as a methodological resource, the Ethnographic Research. Thus, through participant observation and the elaboration of a field diary, it was possible to understand, through my teaching practice, the relationships that boys and girls established with playing and toys in a gender perspective. This research sought, by promoting the deconstruction of gender stereotypes through toys and play in early childhood education, to briefly analyze the relationship of early childhood education with gender stereotypes, allowing other relationships to be established with toys and play, as well as the use of children's literature, enabling them to become important instruments for the deconstruction of these stereotypes.

**Keywords:** Gender stereotypes, Early Childhood Education, Sexism.

## LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1 - MENINO SOLTANDO PIPA .....	32
FIGURA 2 - REGISTRO DAS CRIANÇAS BRINCANDO DE RODA.....	33
FIGURA 3 - CRIANÇAS ASSISTINDO AO VÍDEO " DIÁRIO DE MIKA .....	34
FIGURA 4 - REGISTRO DA FIGURA DO LIVRO .....	41
FIGURA 5 - REGISTRO DA HISTÓRIA DO LIVRO .....	42
FIGURA 6 - CRIANÇAS BRINCANDO DE PANELINHA .....	44
FIGURA 7 -CRIANÇAS BRINCANDO DE PANELINHA, EM UM FOGÃO IMPROVISADO POR ELES.....	44
FIGURA 8 -PERSONAGENS DA HISTÓRIA .....	47
FIGURA 9 -DESENHO RETRATANDO A FAMÍLIA .....	48

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. METODOLOGIA .....	14
3. RELEVÂNCIA DE SE PENSAR GÊNERO.....	16
4. BREVE HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, E SUA RELAÇÃO COM A PERMANÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO. ....	23
5. BRINQUEDO E O BRINCAR COMO SUPORTE NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	29
6. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: CONTOS E RECONTOS CONTRA AS ESTEROTIPIAS DE GÊNERO.....	37
6.1. FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ - RUTH ROCHA.....	40
6.2. ME CHAMO SUZANA E VOCÊ? - ENRIQUE PAÉZ .....	42
6.3. MENINO BRINCA DE BONECA? - MARCOS RIBEIRO .....	43
6.4. MENINA NÃO ENTRA – TELMA GUIMARÃES.....	45
6.5. PAPAI AO MEU LADO – SOOSH.....	46
6.6. O QUE OS MENINOS FAZEM QUE AS MENINAS FAZEM - ILLAN BRENMAN 48	
6.7. RODINHA DE CONVERSA. AVALIAÇÃO INFORMAL SOBRE O ALCANCE DO PROJETO .....	49
7. CONCLUSÃO .....	51
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

## 1. INTRODUÇÃO

Meu nome é Andréa, sou professora em Escola Municipal da Educação Infantil/EMEI Professora Marta Nair Monteiro, que foi inaugurada no dia 10 de setembro de 2004 sob a administração da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, estando vinculada a Escola Municipal Ulysses Guimarães, optei por pesquisar o tema da minha intervenção/pesquisa na mesma instituição que leciono.

Ingressei nessa escola em 03 de junho de 2014 como professora da Educação Infantil. Desde então tenho percebido a necessidade constante do professor repensar e analisar sua prática. Acredito que o primeiro passo a ser tomada, como parte desse processo de ação – reflexão – ação é conhecer a localidade em que estou inserida.

O contexto da EMEI esta relacionada a uma demanda da comunidade do aglomerado Santa Lucia, apresentada pela Associação Popular “Centro de Defesa Coletiva” que identificou a carência de espaços alternativos à criança na comunidade e a necessidade de acesso à educação garantida em Lei. A população do aglomerado e assistido pela EMEI localiza-se na região Centro-Sul de Belo Horizonte, formado por quatro vilas, sendo que a grande maioria assistida pela escola reside na vila Santa Rita. A Escola Municipal de Educação Infantil atende uma população social e economicamente carente, com uma média salarial familiar, em 83% dos casos, de 1 a 2 salários mínimos.<sup>1</sup>

Atualmente as vilas do aglomerado Santa Lúcia estão quase totalmente urbanizadas, contam com escolas, creches, transporte coletivo, postos médicos e policiais. A comunidade é atendida por vários programas sociais, o Fica Vivo, da Secretaria de Defesa Social e, também, o BH Cidadania que oferece oficinas culturais para os moradores da comunidade. A composição familiar dos pais que representam a comunidade assistida pela escola é composta, em sua maioria, por pais e mães que possuem formação de ensino fundamental completo do sexto ao nono ano

Essa formação se coaduna às atividades profissionais desenvolvidas pelos pais, quase sempre associadas às ocupações manuais não especializadas, conforme declarado no questionário utilizado na matrícula dos seus filhos, como autônomo, auxiliar administrativo,

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico (PPP 2012)

auxiliar de farmácia, comerciante, cozinheiro, eletricista, frentista, gari sócio ambiental, lavador de carros, mecânico, monitor escolar, operador de máquina, pedreiro, pintor, porteiro, repositor de supermercado, segurança, servente e vigilante; já as mães exercem atividades de atendente, auxiliar de serviço, auxiliar de serviços, cabeleireira, diarista, doméstica, faxineira, manicure e pedicuro, vendedora, apenas uma exerce função gerencial na supervisão de clínica veterinária e outra se dedica as atividades do lar.

A escola atende em horário integral de 7hs: 30 minutos às 17hs: 30 minutos, e possui turmas de berçário, um ano, dois, três, quatro e cinco anos. Nesse contexto da Educação Infantil, no qual a criança permanece o dia inteiro na escola, os momentos do brincar e brincadeiras, direcionadas ou não, devem estar presentes dentro do planejamento.

Diante disso surgiu a necessidade pessoal de aprofundar sobre como se dão as construções sociais das relações de gêneros através das brincadeiras, principalmente com crianças na faixa etária de quatro a cinco anos.

Uma das razões que me impulsionaram a pesquisar esse tema foi perceber que existe certo preconceito ao problematizá-lo, assim como também um desconhecimento por parte do corpo docente, pois sempre o associam o tema a algo com conotação sexual ou religiosa. Ao verificarmos no ambiente escolar como os brinquedos são separados por categorias como, por exemplo, cor azul para meninos e cor rosa para meninas, ou então, dispor as bonecas, as panelinhas e outros brinquedos que sempre as remetem ao cuidado do lar como se fossem brinquedos prioritariamente para meninas; enquanto que para os meninos reservam-se os brinquedos que utilizam mais raciocínio, força, espírito de aventura, liderança, como carrinhos, bolas, brincadeiras de lutinha e outras mais.

Assim se percebe que há uma lógica de que as meninas devem exercer atividades de cuidado, tanto da casa, quanto da família, ficando suas atividades voltadas para o âmbito privado, enquanto que no caso dos meninos, ocorre justamente o oposto.

Antes de iniciar o projeto de intervenção, no qual foi a base da escrita dessa pesquisa, fiz o levantamento sobre o perfil da sala em que leciono através da observação. Há nessa turma uma quantidade maior de meninos do que meninas. São no total 23 crianças, sendo 8 meninas e o restante são meninos. Percebi desde o início do semestre letivo, uma pequena

resistência dos meninos em brincar com brinquedos considerados socialmente de meninas, principalmente as panelinhas, as bonecas, as vassourinhas e outras.

Houve um momento em que, propositadamente, sugeri que todas as crianças brincassem de salão de beleza e de casinha, usando as bonecas e apetrechos da cozinha como panelinhas com a intenção de verificar quais os desafios que enfrentaria para o desenvolvimento da pesquisa essas atividades eram feitas, sempre às sextas-feiras, principalmente na hora do faz-de-conta.

Ao anunciar a brincadeira, notei um entusiasmo geral e grande curiosidade diante das maquiagens e acessórios levados para a sala. No entanto tive uma surpresa por mim registrada no meu diário de campo:

Ao começar a passar batom nas meninas, uma das crianças de nome Bernardo<sup>2</sup> me perguntou se poderia passar batom. Agi com naturalidade e respondi que no momento da fantasia, não haveria problema algum, pois era um momento em que ele poderia ser qualquer personagem. Antes, porém que terminasse toda a explicação, outra criança, Daniel, pronunciou de forma enfática: “Menino usa manteiga de cacau”, nesse momento os outros meninos que se encontravam calados diante da cena, começam a concordar com ele.

Essa experiência com as crianças me levou a pensar quais as relações ou hipóteses que elas constroem sobre os estereótipos femininos e masculinos e quais os limites socialmente construídos seriam permitidos ultrapassar ali. Pude perceber também que ao colocar somente as panelinhas e bonecas espalhadas na sala, os meninos automaticamente começaram a procurar os carrinhos e ficaram frustrados ao perceber que teriam disponíveis naquele momento somente os objetos que já estavam ali, não havendo nenhum carinho ou outro brinquedo considerado socialmente destinado apenas a meninos.

Na busca por respostas a essas questões, meu objeto de pesquisa foi as relações de gênero através dos brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil, tendo como objetivo geral possibilitar às crianças na faixa etária de quatro/cinco anos da Escola Municipal de Educação

---

<sup>2</sup> Todos os nomes das crianças estão resguardados através do uso de pseudônimos.

Infantil (EMEI) Professora Marta Nair Monteiro, brincadeiras/ brinquedos dissociados do sexismo presente nos estereótipos atribuídos ao Feminino e ao Masculino.

## 2. METODOLOGIA

Essa pesquisa em sua abordagem foi qualitativa, por estar voltada especificamente para a compreensão de uma realidade em um determinado contexto. Os fenômenos que foram analisados, não poderiam ser necessariamente passíveis de quantificação.

A Pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares; ela se ocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p.21)

Dessa forma, a tentativa de compreensão sobre como as crianças se relacionam com as questões referentes às relações de gênero na Educação Infantil encaixou-se perfeitamente nesse tipo de pesquisa, visto que esse tema se encontra ligado a valores e atitudes que são construídos culturalmente, e que muitas vezes reproduzimos sem uma análise mais profunda.

Quanto aos procedimentos dessa pesquisa, o recurso metodológico foi a Pesquisa Etnográfica pois, permite o uso da observação participante, ou seja, uma maior interação entre o pesquisador e objeto a ser pesquisado, dá ênfase no processo e não nos resultados finais permitindo a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências. (GERHART; SILVEIRA,2009, p.41)

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos[...]. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, 1994, p.59)

Concordando com as elucidações acima, considero que há uma variedade de situações que podem ser visualizados na própria realidade ou contexto ao utilizarmos a observação, sistemática, reflexiva, permitindo a imersão no ambiente de pesquisa que foi a escola e a sala de aula em que leciono. Dessa forma, tive a oportunidade de presenciar inúmeras situações com as minhas próprias crianças, em momentos diversos. Essas cenas observadas colaboraram na reflexão e análises de compreensão dos estereótipos presentes nas relações de gênero e como estas se configuram. Antes de iniciar o plano de ação que deu origem a essa pesquisa, solicitei aos pais das crianças que assinassem uma autorização do uso de imagem. Essas fichas foram carimbadas e assinadas também pelos gestores da Escola. Analisei como as crianças se relacionam com os brinquedos que utilizam, e o que poderia influenciar ou não certos



comportamentos considerados normais, mas que são carregados de preconceitos. Durante o andamento da pesquisa, pude lançar mão também do diário de campo que segundo Delandés, Minayo consiste em:

É um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina de trabalho em que estamos realizando. Ele, na verdade, é um “amigo silencioso” que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções e angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. (MINAYO,1994, p.63).

O diário de campo foi utilizado nessa pesquisa para que não se perdessem os diálogos, expressões, situações que foram planejadas ou não a fim de contribuir para a desconstrução dos estereótipos de gênero através da brincadeira e do brincar. Nesse sentido, no primeiro momento foi exibido para as crianças, vídeos curtos sobre o assunto, visando provocá-los na reflexão sobre os brinquedos considerados femininos e masculinos.

Utilizei também como instrumento a Literatura infantil, através de contos diversos, por acreditar que esse é um caminho que nos possibilita inúmeros tipos de intervenção e construção de conhecimento, assim como rodas de conversas, brincadeiras comuns e marcadas pelo sexismo, momento do faz de conta e uso de fantasias, e dias específicos em que todos os meninos e meninas foram convidados a brincar com brinquedos associados apenas a meninas, como bonecas ou salão de beleza , por exemplo, e dias específicos de brinquedo associados apenas a meninos, como com carrinhos, em que se fizeram registros diversos como: fotografias, áudios, vídeos. No intuito de preservar também as crianças participantes dessas pesquisas, tive o cuidado de utilizar de nomes fictícios nas análises dos relatos através de áudio.

E com o intuito de me resguardar e também resguardar as crianças, foi necessário que os pais assinassem uma autorização de uso de imagens e nas transcrições das falas e percepções delas sobre o tema, foram utilizados nomes fictícios para que se garantisse o anonimato na realização da pesquisa.

### 3. RELEVÂNCIA DE SE PENSAR GÊNERO

Pensar as questões relacionadas a gênero e sexualidade é necessário. Se considerarmos a relação dessas temáticas com o campo curricular veremos que há uma escassez de publicação conforme dito no livro “Pesquisas sobre e Gênero e Sexualidade”, (2018), que reúne diversas pesquisas feitas através de levantamento bibliográfico sobre esse tema. Diz-nos as autoras do livro: [...] “Examinando a produção sobre gênero e educação no Brasil em um período de quatorze anos, 1990 a 2004, em seis periódicos brasileiros, encontrou apenas três trabalhos sobre currículo e gênero”. Paraíso; Caldeira, (2018, p.16) apud CARVALHAR, (2005, p.18). Visto que as discussões são poucas e cercadas de preconceitos e estereótipos, percebi a necessidade de compreender melhor esse assunto, com foco na Educação Infantil. As questões referentes ao gênero ganharam maior relevância em virtude do movimento feminista em busca da igualdade da mulher em diversos setores da sociedade, lutando contra a divisão sexual do trabalho.

Desde então, no Brasil e no exterior em consequência das críticas aos processos escolares como formadores e reprodutores de desigualdades sociais, emergiram discussões acerca da necessidade de se elaborarem pedagogias feministas ou práticas educativas não sexistas. (SECAD 4, 2007, p.12).

A partir desses movimentos, tanto no Brasil, quanto no exterior, surge a necessidade de pensar práticas educativas não sexistas, ou seja, pensar em uma educação em que meninos e meninas tenham direitos iguais, incluindo o direito de escolher os brinquedos e objetos que querem utilizar roupas, modos de ser e comportar.

Esse conjunto de questões foi nomeado pelas feministas como discussões em torno às dimensões de “gênero” posto tratar-se de uma categoria basilar para se compreender como masculinidades e feminilidades marcam os corpos ao generificá-los.

Gênero – conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há fêmeas e machos na espécie humana, no entanto a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. (CEPESC, 2009, p.41)

Assim, acredito que pensar as relações de gênero no contexto da Educação Infantil, torna-se necessário e atual, posto que, em nossa sociedade, há construções em torno do que é naturalizado no universo feminino e do masculino, levando sempre a mulher a um lugar pré-determinado de submissão e uma tentativa de controlar os corpos desde a mais tenra idade.

Assim “Gênero são processos por meio dos quais nos tornamos homens e mulheres em meio a relações de poder”. "Trata-se de uma "norma, ” um mecanismo através do qual se produzem e se naturalizam as noções de masculino e de feminino” Paraíso; Caldeira, (2018, p. 24) apud (BUTLER, 2006, p.70).

Nesse sentido, os corpos são nomeados como femininos e masculinos em função dos discursos que os significam dessa forma. “Como afirma Butler (2003, p.27), o entendimento de um corpo masculino e feminino é em si mesmo uma construção”, feita por diferentes discursos em diferentes momentos históricos. (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p.55, apud BUTLER, 2003, p.27).

Certamente a escola como uma instituição social que leva á perpetuação de certos valores e crenças, deve propiciar discussões sobre o tema, pois.

Nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos até o dia em que morremos e essa aprendizagem se processa em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc. (MEYER, 2008, p. 25).

A escola, a mídia, as famílias constituem-se campos férteis para geração de mudanças e combate à reprodução das diferenças de gênero, ou práticas não sexistas.

As práticas discriminatórias que sustentam a desigualdade entre os gêneros não são eventos excepcionais na nossa sociedade, antes são como já apontamos cotidianas. Por isso, as práticas de combate à discriminação de gênero também não podem ser atos excepcionais; é preciso um trabalho diário. E a escola é um universo riquíssimo para o trabalho cotidiano de superação de preconceitos e discriminação de gênero. (SMED, 2015, p. 27)

A escola torna-se um lugar propício, para se refletir como é construída essa diferença “homem e mulher” culturalmente e como o brincar pode ser um meio de perpetuação de certos preconceitos e estereótipos<sup>3</sup>.

Como professora para a Educação Infantil, verifico, através da minha prática, crianças brincando o tempo todo e exercendo diversos papéis no momento da brincadeira, verifico meninos que gostam de brincar de boneca e panelinha, assim como meninas que buscam brinquedos considerados culturalmente de meninos.

Se esses “achados”, por um lado, contrariam crenças sociais em que, no qual não se aceita que as crianças exerçam diferentes papéis, mesmo que seja no momento da fantasia, do brincar, de se expressar livremente; por outro lado, verifico que na própria instituição “escola” essas crenças estão presentes e vários adultos reiteram essa separação de várias formas como, por exemplo, na aquisição de brinquedos separados por cores e na reprodução de padrões socialmente demarcados de menina e menino. Essas tensões presentes na escola nos deslocam, pois não estamos preparados para discuti-las. Pois, como nos afirma Guacira, “Hoje sob novas formas, a escola continua imprimindo sua marca distintiva sobre os sujeitos. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes. (LOURO, 1997, p. 61). Dessa forma fico pensando como isso foi construído, organizado, e demarcado e definindo o lugar de subalternidade da mulher na sociedade, reforçando o tipo de função ou profissão, pré-determinado para exercer, tendo como referência os brinquedos disponíveis no ambiente escolar.

Os questionamentos em torno desses campos, no entanto, precisam ir além das perguntas ingênuas e dicotomizadas. Dispostas/os a implodir a ideia de um binarismo rígido nas relações de gênero, teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla (e também mais complexa), uma problematização que terá de lidar, necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias/os envolvidas/os nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil. Trata-se de pôr em questão relações de poder que compartilhamos relações nas quais estamos enredadas/os e que, portanto, também nos dizem respeito. (LOURO, 1997, p.64,65)

---

<sup>3</sup> Estereótipos: Consiste na generalização e na atribuição de valor (na maioria das vezes negativo) a algumas características de um grupo, reduzindo-o a elas e definindo os “lugares de poder” a serem ocupados. É uma generalização de julgamentos subjetivos feitos em relação a um determinado grupo, impondo-lhes o lugar de inferior e o lugar de incapaz, no caso dos estereótipos negativos. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: (CEPESC, 2009, p.41)

Louro nos orienta a pensar as questões de gênero com um olhar diferenciado, complexo, fora da lógica binária que normalmente nos direciona. A autora elucida que as relações de gênero encontram-se intrinsecamente relacionadas à sexualidade, classe, raça e etnia. A questão central posta é de como as relações de poder emergem através de todas essas hierarquias sociais e que nos atingem diretamente, visto que é quase impossível desvincular essas dimensões de assimetria presentes na dinâmica social. A escola como representação da sociedade acaba, portanto, refletindo em seu interior os mesmos conflitos que nela são existentes.

E esses intercruzamentos entre essas dimensões tão presentes na escola de Educação Infantil, e nas comunidades assistidas pela escola, nos leva a perceber que muitos adultos veem com extrema reserva, o fato de os meninos demonstrarem comportamentos considerados não apropriados, ao padrão ou à norma, e vêm a brincadeira e a escolha dos brinquedos por um viés sexista, principalmente quando se trata de meninos. “Dessa forma, brincar de boneca ou estar sistematicamente brincando de casinha com as meninas, ou querer fantasiar-se de personagens femininos, ainda é visto com muita preocupação por parte de profissionais que atuam em creches e pré-escolas”. (FELIPE, 1999, p.58).

Essas questões me inquietaram de forma a despertar o desejo de pesquisar sobre, a partir das aulas ministradas durante o curso do LASEB em que refleti sobre os conceitos de identidade e como essa identidade se constitui através da diferença.

Através do estudo de diversos teóricos sobre o papel da instituição “escolar” e o modelo escolar que conhecemos na atualidade, comecei a problematizar como a escola tenta lidar com essas questões do que é diferente, de como muitas vezes ela exerce o papel de perpetuar a desigualdade, o preconceito, e formas de submissão, inclusive o da mulher.

Assim, tentei conhecer e problematizar nessa pesquisa, as estereotípias de gênero ao padronizar os brinquedos por cor, ou seja, rosa para as meninas e azul para os meninos; ou então restringir determinados brinquedos por sexo: fogão e panelinha para elas, carrinho e ferramentas para eles; ou ainda as roupas de princesas para elas, e de super-heróis para eles. Pois acredito que esse é o papel que devemos desempenhar como professores em uma fase tão importante para a construção da identidade de uma criança que é justamente a infância.

Para isso busquei o conceito de gênero propiciando os saberes necessários ao efetivo respeito e valorização das diferenças entre as crianças devido o conceito expressar “características, comportamentos e significados culturais a respeito do que é ser feminino ou ser masculino (SILVA, et al 2006, p.114)

E compreendo que, nessa perspectiva, o que tenho presenciado nas escolas é justamente esperar que o comportamento das crianças seja adequado às normas sociais de gênero. Acredito que esse é um desafio enorme, visto que existem vários grupos lutando contra as discussões de gênero no currículo escolar, como uma forma de perpetuação da dominação e exclusão de todo tipo, na tentativa de controlar os professores sobre essa reflexão.

Entretanto, apesar dessa temática ser atual e o debate necessário, ainda existem poucos que se aventuram a pesquisar temas como esse, em virtude dos tabus, preconceitos e visão deturpada sobre o assunto, ou por relacioná-lo a uma vivência de uma moral religiosa ou por compreender que esses temas expressam uma conotação sexual, ou mesmo o medo diante do que a família das crianças poderá pensar, sendo esse também um obstáculo.

Todavia, é a família que tem o papel mais relevante na reprodução da dominação masculina, pois é no ambiente familiar que a criança desde a mais tenra idade, vai interiorizando a divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, os estereótipos vão sendo inculcados sob a forma de hábitus primários”. (GOMES,2006, p.35).

A família tem um papel fundamental na perpetuação da dominação masculina. Nesse sentido minha primeira intervenção foi fazer um diagnóstico do que pensam as crianças com relação aos brinquedos separados por gênero e qual os estereótipos eles trazem do ambiente familiar. Mas antes disso é necessário pensar sobre o conceito de estereotipia de gênero que se apresenta como um “Conjunto organizado de expectativas para comportamentos e atividades consideradas apropriadas e desejadas pelos outros para homens e mulheres (BICHARA, 2001, p. 20).

Essa importância da discussão sobre os estereótipos de gênero na infância se fortalece quando percebemos que é nesse período da vida que meninos e meninas são apresentados a uma visão dicotômica do feminino e masculino por ser essa a etapa em que as crianças se inserem na vida social. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais “na família, na instituição escolar, nas coletividades, constroem questionamentos sobre si e sobre

os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais”. (BRASIL,2018 p.38)

Como professora da Educação Infantil, busquei abordar as discussões sobre as relações de gênero por ser uma fase em que as crianças estão em pleno desenvolvimento físico, intelectual, social, estando aptos para a construção de sua identidade, livres de preconceitos, estereótipos, e concepções diversas que visa nada mais que colocar a mulher em um lugar de submissão. Logo, a reprodução dessa lógica, caso não se interfira, acaba por subalternizar a importância da mulher, relegando-a as atividades domésticas, o que se reflete na sociedade na divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres possuem formação superior em relação aos homens, e recebem salários inferiores para exercer a mesma função.

Essa estrutura social naturalizada induz a uma enormidade de ações e decisões inquestionáveis. Assim, cabe à mulher o cuidado dos filhos, do marido, e todas as atividades por vezes invisíveis realizadas no âmbito privado, já ao homem são atribuídas aquelas tarefas perigosas ou espetaculares do espaço público. (GOMES, 2006, p. 37)

Indubitavelmente essa estrutura social, traduz um sistema de opressão nas esferas econômica, social e cultural, pois já traz pré-estabelecido qual deve ser o lugar social a ser ocupado por homens e mulheres.

O tema em questão nos permite avaliar que, mesmo que tenhamos uma visão ingênua sobre essa problemática, “fica evidente uma violência simbólica no qual a escola acaba perpetuando ou invisibilizando a questão do gênero e a própria posição da mulher na sociedade”. (GOMES, 2006, p.36)

Essas assimetrias de gênero emergem no contexto escolar, a partir de elementos centrais para a permanência de meninos e meninas, em uma escolarização que lhes possibilitaria iguais oportunidades que, entretanto, são eclipsadas devido que a escola reproduz essas dicotomias. Vejamos:

A influência dos processos de socialização sobre a cognição, o comportamento e as habilidades motoras de ambos os sexos vem sendo reconhecida por pesquisadores de várias áreas. E a denúncia do pretensível caráter fixo e binário de categorias como feminino e masculino, contido nas explicações biológicas para as diferenças cognitivas entre homens e mulheres, tem no conceito de gênero parte do reconhecimento do caráter social e historicamente construído das desigualdades fundamentadas sobre as diferenças físicas e biológicas. (VIANA; FINCO, 2009, p.269)

É inaceitável como não percebamos que a escola utiliza de diversos mecanismos de hierarquização dos sujeitos, sobretudo, entre os comportamentos de menino e menina, ditando regras, valores, classificando-os, com total desconhecimento sobre as questões de gênero, tentando explicar biologicamente as diferenças entre meninos e meninas que se tornarão homens e mulheres.

Não queremos ou preferimos, habitualmente, não tocar nesses assuntos por incompreensão ou medo. Na escola é muito comum, presenciarmos situações preconceituosas como, por exemplo, a forma como as crianças expressam os sentimentos, falam, ou como se vestem. Os meninos e as meninas estão sempre sujeitos a diversas avaliações quanto a sua masculinidade e feminilidade, incidem sobre os seus corpos cobranças, certas observações, representando a cada um como um corpo que está sempre avaliado, julgado, moldado. Dessa forma, acabamos naturalizando uma perspectiva desigual no trato da diferença, utilizando do silenciamentos para garantir alguns comportamentos ou valores há muito arraigados.

Essa pesquisa/intervenção buscou criar oportunidades para as crianças repensarem os valores associados às violências de gênero que pesam sobre todas elas.



#### **4. BREVE HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, E SUA RELAÇÃO COM A PERMANÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.**

Falarei brevemente da Educação Infantil, pela importância dessa categoria como primeira etapa da educação básica, e também pelo fato, de que esse foi o campo no qual debrucei meus olhares. Inicialmente é necessário pensarmos a Educação Infantil, e a concepção de infância, como uma fase com especificidades próprias, como algo ainda recente.

As instituições voltadas ao atendimento da infância, surgiram a partir do final da década de 70<sup>4</sup>, com o intuito de atender a todas as classes sociais, sendo que as famílias de classe média e alta buscavam o setor privado para esse atendimento, e as famílias de baixa renda tinham suas crianças atendidas em creches, que tinham um caráter assistencialista voltado para o cuidado.

Assim, por um lado, as creches surgiram, em virtude da demanda das mães das camadas populares que buscavam o mercado de trabalho, sendo, portanto, um desdobramento das reivindicações dos movimentos feministas. Mas, em contrapartida, por outro lado, os jardins de infância, escolas que atendiam as crianças com maior poder aquisitivo, tinham a função de preparar as crianças para o ensino fundamental.

Havendo, portanto, um certo dualismo, na oferta de equipamentos educativos para as crianças a partir da origem social das famílias.

Em sintonia com os movimentos nacionais e internacionais, um novo paradigma do atendimento à infância – iniciado em 1959 com a Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente e instituído no país pelo artigo 227 da Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) – tornou-se referência para os movimentos sociais de “luta por creche” e orientou a transição do entendimento da creche e pré-escola como um favor aos socialmente menos favorecidos para a compreensão desses espaços como um direito de todas as crianças à educação, independentemente de seu grupo social. (CNE/CEB Nº: 20/2009, p.14)

Com a Constituição de 1988, a criança passa a se constituir como sujeito de direitos em que se prevê o acesso à creche e pré-escola. O Estado passa a ser responsável por assegurar essa modalidade de educação, bem como o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, etc.

---

<sup>4</sup> Segundo as proposições Curriculares para a Educação Infantil (2014)

Em 1990, surge o Estatuto da Criança do Adolescente (ECA) (Lei N°8069, de 13 de Julho de 1990) que considera a criança como cidadão em um processo de desenvolvimento, sendo necessária a garantia de seus direitos civis, e respeito à dignidade, conforme Capítulo II o Art. 15. “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”. (BRASIL,1990)

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDB 9394/96) consolida a Educação Infantil, através da integração das creches nos sistemas de ensino compondo, junto com as pré-escolas, a primeira etapa da Educação Básica. As creches atendem crianças de zero a 3 anos, enquanto que a pré-escola o atendimento é para crianças de quatro e cinco anos. Nesse sentido, a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento pleno do educando.

Em 1998, Ministério da Educação e do Desporto, lançam os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/RCNEIS que traz diversas orientações didáticas para creches e pré-escolas. Tendo como objetivo:

Apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Visa, também, contribuir para que possa realizar, nas instituições, o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultura. (MEC/SEF,1998, p.7)

Assim, a criança passa a ser vista como um sujeito com suas especificidades e necessidade de desenvolvimento, em seus diversos aspectos, sendo respeitada sua realidade social e cultural.

Com a Resolução n°5, de 17 de Dezembro de 2009, as Diretrizes Curriculares para a Educação infantil/DCNEIS, elaboradas pelo Conselho Nacional de educação, ficam definidas que as instituições de Educação Infantil devem garantir à criança, direito à brincadeira e interação com outras crianças, ampliando as dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança, colocando-as no centro do processo de ensino e aprendizagem dando autonomia para as escolas desenvolver suas propostas pedagógicas.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, elaboradas anteriormente por este Conselho (Resolução CNE/CEB nº 1/99 e Parecer CNE/CEB nº 22/98) foram fundamentais para explicitar princípios e orientações para os sistemas de ensino na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de propostas pedagógicas (CNE/CEB nº 1/99; nº 22/98, p.82)

E é através dos vários ordenamentos legais em âmbito nacional, visando colocar em prática o que determina a constituição, e a LDB (9394/96), que os municípios também se organizam. Em Belo Horizonte, aprovou-se a Lei nº 8.679/2003 que prevê a criação das Unidades Municipais de Educação infantil/UMeIs<sup>5</sup> que passam a funcionar em 2004, sendo elas, naquela ocasião, vinculadas a uma escola Municipal para o atendimento de crianças até cinco anos e oito meses. Portanto de zero a três – creche e quatro anos em diante pré-escola.

Em 2014, são lançadas as Proposições Curriculares para a Educação infantil de Belo Horizonte, que visa nortear o trabalho na educação da primeira infância, reafirmando-a como uma fase única, e com suas especificidades. Assim, segundo as proposições Curriculares para a Educação Infantil:

As mudanças que marcam a sociedade contemporânea – tais como as lutas pelo direito de todos à educação, encabeçada por vários movimentos sociais; a emancipação da mulher, que buscou uma inserção profissional que lhe dessa independência financeira; e o avanço dos estudos científicos no que concerne à compreensão sobre a criança e seu desenvolvimento – são fatores que se destacam como grandes impulsionadores do reconhecimento da criança de zero a cinco anos como sujeito sócio histórico e de direitos. (SMED, 2014, p.24).

Esse reconhecimento da criança como um sujeito sócio histórico, traz também a complexidade de pensar como esses sujeitos vão sendo socialmente são construídos. Assim, com a abertura da escola para receber crianças cada vez mais jovens, incita a pensarmos os desafios de cuidar e educar as crianças para a cidadania, para o conhecimento de si próprio, e conhecimento do outro, e também a luta contra as estereotípias de gênero.

Torna-se necessário então, pensar como as instituições escolares se preparam para ensinar a criança a sua relação com o corpo e o mundo; com o corpo e com aquilo que pode ser “diferente”. Quais as relações se encontram envolvidas culturalmente? Assim desde a mais tenra idade essa diferenciação do feminino e masculino, iniciando pelas roupas, cores, brincadeiras consideradas femininas e masculinas, são construídas.

---

<sup>5</sup> Em 2018 novas mudanças com a Lei Nº 11.132, de 18 de setembro de 2018, as UMEIS se tornam autônomas e se consolidam como, Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS).

É necessário problematizar quais as práticas as instituições escolares consideram inapropriadas, em virtude do gênero de quem a pratica, e como a escola impõe o que é considerado culturalmente apropriado ou não, na tentativa de invisibilizá-las e não compreendê-las.

Sob novas formas, a escola continua imprimindo sua “marca distintiva” sobre os sujeitos, pois, é através da socialização e interação com colegas de diferentes faixas etárias, com os adultos que o cercam, é que a criança começa a desenvolver a percepção de si mesma.

Dessa forma o corpo para a criança, torna-se o instrumento pelo qual a criança tem acesso ao mundo que o rodeia. Nesse contexto:

Na Educação infantil, o corpo das crianças ganha centralidade; pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para submissão. (BRASIL, 2018, p.41)

Quais as marcas a escola têm propiciado às crianças? Marcas para emancipação, liberdade ou submissão? Os estereótipos de gênero estão relacionados aos comportamentos prescritos para o que socialmente é considerado adequado para homens e mulheres, para corpos que são agrupados como femininos ou masculinos. Esses estereótipos estão relacionados à classe, orientação sexual, raça, visto que todas essas categoriza hierarquizam os sujeitos, tornando as relações desiguais. “Através de múltiplos e discretos mecanismos escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes”. (LOURO. 1997, p.62).

A educação infantil não só cuida do corpo da criança. Como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõe à conduta dos pequenos, os limites sociais e psicológicos. É o emblema do qual a cultura inscreve seus signos. (VIANNA; FINCO. 2009 p. 271)

Há um controle das expressões corporais de meninas e meninos nas instituições educacionais que deixam marcas no comportamento e habilidades das crianças: “Poderíamos então dizer que as características tidas pela tradição como naturalmente masculinas ou femininas, resultam de esforços diversos para distinguir corpos, comportamentos e habilidades de meninas e meninos. ” (VIANNA; FINCO, 2009, p.268).

A escola como reprodutora da cultura, acaba por veicular marcadores das desigualdades de gênero, reiterando lugares determinados para meninos e meninas que mais tarde vem a ser o lugar da mulher e do homem na sociedade como se fosse algo natural, pré-

determinado ou imutável. “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”. (LOURO, 1997, p. 81).

A família por sua vez também colabora com esse pensamento visto que já define desde a cor de roupa que a criança deve usar, como se isso tivesse relação direta com o sexo da criança. Meninas devem usar rosa, e menino azul. Os brinquedos fazem parte desse universo seguindo a mesma lógica. Essa separação é perceptível até mesmo no vocabulário. Para o tratamento direcionado para as meninas, a tendência é usar as palavras no diminutivo, e no aumentativo para os meninos.

Nesse sentido selecionei o trecho de uma das minhas intervenções para melhor explicitar o papel da família na reprodução dos estereótipos de gênero.

A atividade proposta foi levar as crianças para um espaço multiuso, na minha escola esse espaço é nomeado como brinquedoteca para que eles pudessem assistir ao vídeo “Desigualdade de gênero para crianças”.

O vídeo tenta desconstruir a imagem de que existem brinquedos de menino e de menina e que nem todas as meninas são meigas, e que querem usar apenas rosa, deixando claro que elas também querem jogar bola, andar de bicicleta, ser cientistas etc.

No vídeo também mostra que os meninos podem ser bailarinos, chef de cozinha, que podem brincar de casinha e ajudar em casa. Alerta também sobre os cuidados que as crianças devem ter ao julgar ou usar apelidos para os meninos que brincam com coisas de menina. O vídeo é muito interessante no sentido de alertar as crianças também no caso de maus-tratos diversos, e abusos, de uma forma bem simples e na linguagem da criança.

Assim, após o vídeo estabeleci o seguinte diálogo com eles:

Perguntei a eles, “Gente sobre o que fala o vídeo que acabamos de assistir? ”

João responde: O vídeo fala de brinquedos que não são só de meninas e de meninos.

Fábio: Menina não pode brincar de boneca porque vira mulherzinha.

Perguntei então: “Quem acha que se brincar de boneca vira mulherzinha? ” A maioria da turma responde: “Ninguém”.

Porém Lara disse: A boneca é dura.

Diego fala: Menino pode brincar de boneco.

Volto minha atenção para ele e pergunto por que ele disse que se menino brincar de boneca vira mulherzinha.

Ele responde: Meu pai falou que não pode senão vira mulherzinha, e o pai dele bate, mas completa a frase dizendo que brincar de boneco pode.

Diante dessa fala pergunto às crianças que se alguém encostar, machucar ou falar com eles de forma que os magoe, o que devem fazer.

César diz que devem pedir ajuda. “Para quem, hein?” - Eu pergunto e ele responde “Para mãe, pai ou alguém da família.”

Mais uma vez observo em uma das falas das crianças, a ideia da fragilidade feminina, ao dizer que boneca é dura, fiquei me questionando qual referência a criança estava utilizando para chegar a esse pensamento. Será que ele pensava que a boneca não deveria ser feita de um material duro? Ou em virtude de a boneca ser feita de um material duro também impossibilitaria as meninas de brincar de forma mais efetiva? Ou talvez tenha feito essa observação na tentativa de explicar, porque ele não pode, ou não gosta de brincar de boneca. Não sei, são apenas suposições.

Outro momento é quando uma das crianças disse que menino não pode brincar de boneca porque senão vira mulherzinha. Penso que a família muitas vezes é responsável por perpetuar os preconceitos existentes em nossa sociedade. Entretanto há um contrassenso ao dizer à mesma criança que menino pode brincar de boneco. Qual seria o limite que diferencia a brincadeira de uma criança com boneca, ou a mesma brincadeira utilizando o boneco? A masculinidade nesse caso não seria colocada à prova da mesma forma?

Fiquei incomodada com esse tipo de situação que a meu ver só nos faz retroceder e incitar o machismo em nossas crianças. Em suma, essas desigualdades são aprendidas desde cedo visando à padronização ou naturalização dos sujeitos, como fosse algo normal. Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe, assim compreender o caráter social de sua produção, a maneira como nossa sociedade opõe, hierarquiza e naturaliza as diferenças entre os sexos, reduzindo-as às características físicas tidas como naturais e conseqüentemente imutáveis. (VIANNA; FINCO, 2009, p.270).

## **5. BRINQUEDO E O BRINCAR COMO SUPORTE NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.**

O ato de brincar faz parte do universo infantil, sendo um meio de comunicação e experiências diversas. O brincar na Educação Infantil faz todo o sentido, pois através, a criança pode desenvolver-se integralmente, socializar, internalizar regras e vivenciar diversos papéis. Através do brincar as crianças vivenciam diversas experiências que contribuem para a formação da sua identidade e construção de conhecimentos.

Para as crianças, a brincadeira, é uma forma privilegiada de interação com outros sujeitos, adultos e crianças, e com os objetos e a natureza à sua volta”. Brincando, elas se apropriam criativamente de formas de ação social tipicamente humanas e de práticas sociais específicas dos grupos aos quais pertencem, aprendendo sobre si mesmas e sobre o mundo em que vivem. Se entendermos que a infância é um período em que o ser humano está se constituindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental como forma de participação social e como atividade que possibilita a apropriação, a resignificação e a reelaboração da cultura pelas crianças. BORBA (2007 p. 12-14)

Através da brincadeira as crianças se apropriam das práticas sociais específicas, tanto da família quanto dos grupos nos quais transitam. Portanto a infância constitui-se de um período propício para desmistificação de preconceitos existentes em nossa sociedade através dos próprios brinquedos e da brincadeira. A brincadeira propicia prazer à criança, possibilitando expressar suas fantasias internas, desejos, e desenvolvimento de suas potencialidades. “A partir do reconhecimento da infância como uma fase presente na vida da criança, é que o brinquedo passa a ser reconhecido como um objeto pertencente ao universo infantil”. (STEINLE, 2012, p.21)

O brinquedo passa a ser suporte para as brincadeiras infantis, não tendo regras para sua utilização, sendo também uma aprendizagem social. Segundo KISHIMOTO (2005, p.21) “A brincadeira e a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Desta forma. Brinquedo e brincadeira relacionam-se coma criança e não se confundem com o jogo. ”.

O brincar na Educação Infantil faz todo o sentido, pois através dele a criança pode desenvolver-se integralmente, socializar, internalizar regras e vivenciar diversos papéis contribuindo para a formação da sua identidade e construção de conhecimentos.

E a escola tem um papel fundamental nesse aspecto, pois desempenha a função de oferecer um espaço favorável às brincadeiras associadas a situações de aprendizagem que sejam significativas, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança. É brincando que as crianças vão desenvolvendo suas potencialidades, vão ampliando seus conhecimentos, transferindo saberes, aprendendo a resolver conflitos, sociabilizando, e apropriando dos aspectos da cultura. Ao brincar, as crianças utilizam, da imaginação e da imitação utilizando da linguagem simbólica.

Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. (BRASIL, 1998, p.27).

A criança tem um jeito muito peculiar e especial de mostrar como sente e vê o mundo ao seu redor, e é por meio das brincadeiras que ela revela seus anseios e desejos. As escolas de Educação Infantil devem oferecer a criança condições para aprendizagens por meio de brincadeiras, situações pedagógicas intencionais, com intervenções pertinentes do professor para que a criança construa sua identidade e autonomia. Assim a criança cria uma imagem positiva de si, que possibilite a sua atuação de forma independente, confiando em suas capacidades e percebendo suas limitações. No dia a dia da criança, ela utiliza de vários elementos para dissociar o real do imaginário, experimentando comportamentos, e preparando para o enfrentamento de situações reais na vida adulta.

Brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos” (BRASIL, 1998, p. 27).

Através dessa linguagem propriamente infantil, as crianças interiorizam os modelos de adulto. É nesse contexto que minha pesquisa foi realizada. Através do brinquedo e brincadeiras desmistificar os papéis sociais que as mulheres devem desempenhar, reelaborando valores, aniquilando estereótipos, por meio da reflexão. O Referencial Curricular para a Educação Infantil/RCNEI, (1998), aborda ainda que a brincadeira seria uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias de uma realidade anteriormente vivenciada.

Como expressão de significados que tem o brincar como referência, o lúdico representa uma oportunidade de (re) organizar a vivência e (re) elaborar valores, os quais se comprometem com determinado projeto de sociedade. Pode contribuir, por um lado, com a alienação das pessoas: reforçando estereótipos, instigando discriminações, incitando a evasão da realidade, estimulando a passividade, o



conformismo e o consumismo; por outro, o lúdico pode colaborar com a emancipação dos sujeitos, por meio do diálogo, da reflexão crítica, da construção coletiva e da contestação e resistência à ordem social injusta e excludente que impera em nossa realidade. (GOMES, 2004, p. 146)

Existe um lugar fixo e natural para cada gênero? Quais os artifícios utilizados para demarcar e diferenciar o que deve ser utilizado por meninas e meninos? Quais os estereótipos que nós como professores da Educação Infantil estamos propondo às crianças? Essas são algumas questões que devem ser problematizadas e refletidas visto que nós culturalmente naturalizamos o papel da mulher na sociedade. “A inscrição dos gêneros – feminino e masculino nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura” (GOMES, 2006, p. 36).

O brinquedo e a brincadeira, como artefatos culturais, demonstram que há todo um discurso de relação de poder incutido nele e que nem sempre conseguimos ter uma visão crítica, sendo imprescindível a função do professor para intervir, orientar e estruturar o campo das brincadeiras. Nesse sentido:

É o adulto, na figura do professor, portanto, que na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos. (MEC/SEF, 1998, p.28).

Contei para as crianças em roda a história do livro “Menino e Menina” detalhadamente, mostrando a capa, apresentando a autora e quem fez as ilustrações e comecei a gravar o áudio dessa experiência”.

Ao final da história peço para Fábio contar a história para os colegas.

Ele fala: O menino e a menina queria brincar junto de boneca, de panelinha, de casinha.

Eu disse: muito bem isso mesmo e perguntei: Tem algum problema de o menino brincar junto com menina? As crianças responderam: Nãoooo. Porque que não tem? - Perguntei.

Fábio responde: Porque vai virar menina.

Pergunto: Como assim? Então se a menina brincar de brinquedo de menino, ela vai virar menino? É gente? A turma responde: Não em coro.

Perguntei: Alguém já virou menina porque brincou com brinquedo de menina? Nãoooo responderam. Então, falei para eles: Eu mesma, quando era criança já brinquei de carrinho não virei menino, eu sou menina.

Fábio fala: virou menina se dirigindo a mim.

Direciono-me para Fábio e digo: Você já brincou de boneca aqui na sala e você virou menina? Virou? Ele responde: Não. Então você continua sendo menino. E digo: A historinha mostra isso.

Pergunto para Estela: O que tinha na história Estela conta para ele. Ela responde que os dois estavam brincando de casinha. Quais os brinquedos tinham lá quando eles estavam brincando de boneca?

Os meninos começam a elencar o que tinha na história: boneca, panelinha, espada, carrinho, capa, avião, boneca e casinha então muito legal respondo. Fábio pergunta: E a dona bruxa? Respondo: A dona bruxa vai vir na escola outro dia, ou seja, a turma já tinha dispersado, o que é uma característica própria da idade, pois já estavam há bastante tempo concentrados na discussão da história do livro. Finalizo dizendo que aprendemos com a historinha que não existe brinquedo que seja só de menino ou de menina, não é? A turma responde éhhh.

O interessante na fala das crianças é notar que apesar da história do livro mostrar diversas formas de brincadeiras, e descobertas em conjunto tanto da personagem menina, quanto do menino, algumas crianças ainda possuem a ideia de que não é permitido transitar nos dois universos sem ser tachado de “mulherzinha” Na história do livro, a menina brinca de carro, de espadas, de panelinhas, e ambos as personagens podem crescer juntos compartilhando esses momentos sem nenhum problema. Abaixo seguem dois registros através de desenhos, da história em que uma criança retrata os meninos e as meninas brincando juntos, soltando pipa, uma das brincadeiras elencadas por eles.

**Figura 1 - Menino Soltando Pipa**



**Figura 1: acervo da turma**

Figura 2 - Registro das crianças brincando de roda



Figura 2: acervo da turma

Quando me direciono ao Fábio e afirmo que já brinquei de carrinho, quando era criança e ainda sou “menina”, ele rapidamente responde que eu virei menina, ou seja, em seu imaginário eu não era menina, quando brincava de carrinho na infância.

Outro momento que presencio em sala de aula o preconceito que os meninos têm com relação a brinquedo, e cores consideradas femininas, é no momento de brincar de massinha. Em um determinado momento durante a atividade de massinha, distribuí propositalmente uma massinha rosa para um determinado menino. Diego percebeu que Bernardo havia recebido a massinha rosa e falou: “Ganhou massinha rosa de mulherzinha.” Ao ouvir essa frase, perguntei para a turma: “Gente, existe massinha de mulherzinha, somente por causa da cor?” A turma respondeu quase que instantaneamente que não. Assim fiquei satisfeita de perceber que ainda, que houvesse momentos em que os meninos verbalizavam algo preconceituoso, já percebia mudanças de comportamento com relação às atitudes preconceituosas, sinal de minhas intervenções já estavam dando alguns frutos.

Para melhor direcionamento de minhas intervenções, passei um vídeo para as crianças no momento de multiuso, destinado à minha turma. O vídeo chama-se “ O diário de

**Mika: brinquedo de menino**". Deixei que as crianças assistissem e depois fui gravando o que diziam.

**Figura 3 - Crianças assistindo ao vídeo " Diário de Mika**



**Figura 3: acervo da turma**

Quais os carrinhos que as meninas estavam dirigindo na hora que passou o vídeo? - Pergunto

É vermelho e azul responderam.

Não é a cor. - então eu digo peráí eu vou perguntar de novo: Quais os carrinhos que estavam sendo dirigidos no vídeo da Mika?

Douglas responde: Caminhão e carro.

Eu volto a perguntar: E tem algum problema a menina dirigir caminhão e carro?

Todos respondem: Nãooo

O que mais que falou hein... Pergunto se é só as meninas que podem ter brinquedos rosa?

Diego Responde: Sim. São só as meninas que podem ter brinquedo rosa? - Todos começam a falar ao mesmo tempo

Direciono-me a Nívea e peço a ela que fale, então ela começa: A menina brinca de laranja, vermelho, rosa.

Isso e pergunto: O menino então pode brincar de brinquedo com a cor que ele quiser, não é?

Diego fala: O menino pode brincar com menina.

Pietro: Todo mundo pode brincar com o brinquedo que quiser? - Vós responde

Pergunto se pode brincar com o brinquedo que quiser, até carro. E com a cor que quiser? Eles, em coro, dizem: É.

Pergunto: Existe isso de brinquedo de menino ou brinquedo de menina? Não.

Pietro continua: Pode brincar com panelinhas e também pode brincar de boneca.

Repondo: Muito bem porque quando crescer ele poderá casar, poderá ter filhinho e poderá ajudar, né, a fazer comidinha a cuidar do bebê, que mais? Pergunto para Alex qual foi o brinquedo que a personagem do vídeo a Mika, apareceu brincando no vídeo, completo lembrando que nós faremos esse brinquedo em sala.

Alex responde: Pipa.

Isso mesmo, os meninos podem soltar pipa e as meninas também – volto a falar.

Daniel fala: Eu tenho uma pipa lá em casa

Pergunto: você gosta de soltar pipa?

Ele responde que sim balançando a cabeça. O que é mais importante que apareceu na historinha? É a criança brincar, não é? - Questiono a turma.

Éhhhh todos respondem.

E se a criança não tiver brinquedo nenhum como é que faz? O que ela pode fazer?

Lilica responde: Minha mãe compra.

E se ela não tiver dinheiro para comprar, você vai ficar sem brincar? - Perguntei. Gente se a criança não tiver brinquedo nenhum em casa, ela pode brincar com o que? - Pergunto para eles.

João responde: Mexer no telefone.

Digo a ele: primeiro que telefone não é brinquedo, nem brincadeira. Pode brincar com quais brincadeiras? Nós já brincamos com algumas brincadeiras aqui na escola eu não tinha brinquedo. Eles começaram a falar: adedanha, bobinho, arranca rabo, dança da cadeira, passa anel, etc. Falei com eles, brincamos na grama, e as crianças começaram a falar várias brincadeiras. E começaram a pedir para brincar de dança das cadeiras. Alex fala que pode brincar de mamãe e filhinha. Disse a ele que sim, que somos livres para brincar do que a gente quiser. Lilica falou comigo que Fábio brinca de panelinha.

Pois é e outro dia ele falou que não podia né, agora ele já brinca não é verdade? Então ele entendeu que os brinquedos são para todas as crianças brincarem e que não tem isso de brinquedo de menina e de menino respondi para ela. Nivea fala comigo: Quando teve aniversário na minha casa, eu brinquei de carrinho do meu irmão Manuel (irmão dela que estuda aqui na escola) pois é ele deve ter adorado que os dois brincaram juntos. Disse a ela.

O vídeo mostra a menina vendo mulheres exercendo diversas atividades, e aparece a figura feminina dirigindo caminhão, e carros de diversos modelos e cores, brincando de pipa, e brinquedos que não necessariamente são aqueles comprados nas lojas. Fiz a intervenção para que as crianças refletissem que nada é fixo, que as meninas podem exercer diversas profissões além de simplesmente cuidar do lar e afazeres domésticos. Com relação à cor, ainda noto preconceito das crianças, visto que é maçante também o papel da mídia na reprodução dos estereótipos. As propagandas infantis sempre associam a cor rosa ao universo feminino. Isso fica evidente quando questiono as crianças se somente as meninas podem ter brinquedo rosa. Diego afirma que sim. É necessário desconstruir esses estereótipos a fim de que as crianças respeitem a diversidade de opiniões, gostos, comportamentos sem preconceitos.

## **6. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: CONTOS E RECONTOS CONTRA AS ESTEROTIPIAS DE GÊNERO**

Na Educação Infantil, uma das práticas que particularmente adoro, é o momento de contar histórias para as crianças. Há todo um procedimento para esse instante, que consiste a escolha do livro a ser lido, a músicas que orientam as crianças para o momento da rodinha, até o momento final no qual problematizo as questões da história contada. A contação de histórias é um momento para estimular às crianças ao hábito da leitura, às diversas reflexões, ao enriquecimento intelectual e cultural, ao desenvolvimento das práticas de leitura e escrita etc.

Contudo, histórias voltadas para crianças não se constituem só de encanto e diversão, elas também produzem sentidos sobre o mundo e as coisas do mundo; ensinam sobre raça/etnia e gênero; instituem normas e governam condutas. Ensinam modos de ser, de agir, de pensar, de desejar, de olhar para si e para o outro. Disputam espaço com discursos provenientes das mais diversas esferas (familiar, escolar, religiosa, política...) para a produção e saberes e de sujeitos. (FREITAS, 2018, p.115)

A literatura possibilita, portanto, diversas formas de enxergar o mundo, mas também não está livre de disputas diversas, afim de modificar ou produzir condutas de forma intencional e política. Assim a literatura pode se tornar um instrumento pelo qual valoriza-se as diferenças, o respeito ao outro, e ampliar o pensamento das crianças sobre diversos temas.

Nas palavras de Bussato (2005 p.37-38):

O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conteúdo pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas. [...]

Em virtude de toda a importância da literatura para criança, busquei livros que abordassem as questões relacionadas ao gênero, para trazer novas perspectivas as crianças, ampliando o olhar para além das brincadeiras, cores, comportamentos, embora as histórias trabalhadas também refletissem em alguns momentos esses aspectos. Uma das críticas que faço é com relação ao fato de que a literatura sobre o tema relacionado à gênero ainda é pouca, se comparado a outros temas que tratam de relações étnico – raciais, contos de fadas etc. Tive dificuldade de encontrar literatura pertinente na escola em que leciono. No entanto com o intuito de aprofundar sobre o tema, encontrei alguns livros e adquiri para o meu acervo pessoal. Percebi

que os livros que tratavam do tema, nem sempre possuíam a linguagem clara para crianças de quatro/cinco anos. Mas desenvolvi atividades com os que constam abaixo e também com as impressões deixadas nos registros pelas crianças.

Propus então uma roda de conversa com as crianças e fui gravando o que elas diziam.

“Gente, vocês acham que existe brinquedo que é só de menina e brinquedo que é só de menino?”

João responde que não. Pergunto por que não? João novamente responde: “Porque qualquer um pode brincar.”

Bernardo completa: Brinquedo é de menino e de menina.

João completa o seu raciocínio dizendo: É só mulher que não pode brincar de jogo de arma. Ah por quê? Perguntei interessada em compreender melhor o que ele estava pensando.

Bernardo ressalta: “senão vai machucar o coleguinha”

Questiono para eles: Mas se o menino brincar com jogo de arma ele pode? João me corrige então dizendo que não é brincar, é jogar. Não estava entendendo bem como era esse jogo, então pergunto para as crianças: Como é esse joguinho de armas, me explica?

Rui fala "eu consigo" e faz o movimento de arma com as mãos. Pergunto surpresa se esse jogo é de atirar. Todos respondem que sim.

Pergunto: E porque então que o menino pode, e a menina não pode brincar de matar os outros? Rui responde que menina tem que brincar de fazer massinha.

Pergunto para o grupo: A menina tem que brincar só de fazer massinha? Rui balança a cabeça fazendo o sinal positivamente, e completa: Tem que brincar de gatinho e não compreendo muito bem o resto da fala.

Depois disso Bernardo entra na conversa dizendo que só a polícia que pode atirar. Respondo: isso. Após vários tipos de falas dos meninos sobre a situação. Perguntei de supetão:

Mas olha só eu quero saber por que a menina não pode brincar com esses brinquedos que vocês estão falando?

João: porque senão vai que ela atira nela mesmo, e cai assim... Nesse momento ele faz o movimento de cair para trás. Então questiono: Mas isso pode acontecer com menino também de atirar nele mesmo. João então completa, mas elas (as meninas) atiram antes de ver onde que atira.

Nesse momento pergunto de supetão: E o menino pode brincar de boneca? A resposta foi não. Eca disse Bruno e Matheus sorri de forma a achar a pergunta um tanto estranha. Bernardo fala primeiramente que não, e no mesmo momento muda dizendo que pode. Ouço alguma criança dizendo também: Eca que nojo!



A aluna Nívea coloca a mão na boca horrorizada com minha pergunta. Insisti e perguntei novamente: Porque que menino não poder brincar de boneca então?

João responde: Porque não gosta. E se ele gostar de brincar ele pode?

Rui diz que não pode, fazendo sinal negativo com a cabeça

Pergunto para Rui: vem cá, então fala para mim,

Porque menino não pode brincar de boneca? Ele responde, porque não. Que é porque senão vai virar veado. Direciono-me então para a turma toda: Ah gente o Rui esta falando, que se o menino brincar de boneca ele vai virar veado é isso mesmo?

João completa a fala dizendo que se brincar de boneca, vai virar mulher.

Então eu disse: Ah tá e quando você crescer, casar, você não vai ajudar a sua esposa a cuidar do bebê não?

Nesse momento Rui concorda e diz: isso mesmo, que cuidar do bebê é melhor. Pergunto para eles: Então porque não pode brincar de boneca para aprender a cuidar do bebê?

Pergunto para o João: Então porque que não pode João? Caio reflete e no final responde: Para cuidar do bebê, pode.

Os desafios ao enfrentamento desse tema são válidos e amplos para discussão. A minha primeira experiência com as crianças sobre o tema foi de estranhamento. Acredito que eles não tinham nunca sido provocados a pensar o porquê de existir brinquedos nomeados de menina ou de menino.

As crianças geralmente falam o que lhes vem à mente e a sinceridade com que respondem às questões chega a ser desconcertante. No entanto, para uma conversa inicial, achei bastante significativa suas observações, apesar de alguns momentos eles desconcentrarem o que é bem peculiar para a idade.

Outro fato que me chama a questão é que em alguns momentos nota-se formado em seus imaginários a ideia de que as meninas não podem brincar com brinquedos ou objetos violentos, como armas e que devem mesmo brincar de atividades como massinha, mas o que fica mais evidente é a questão da brincadeira com boneca. Quando uma das crianças afirma que menino não pode brincar de boneca porque vai virar veado, demonstra que a criança já possui uma ideia pré-concebida de que isso é uma quebra da norma de gênero.

Essa norma que nos leva a determinar e elencar brinquedos de menino e de menina. Nesse sentido, Butler (2001) fala sobre as normas coercitivas que os corpos das crianças são

submetidas. E elas, mesmo sem compreender a norma e sem funcionamento, assimilam esses valores como os mais adequados e, em virtude disso, reproduzem o impedimento de que um menino brinque de boneca, os corpos dos meninos sofrem maior controle dessas normas de gênero proibicionistas do que as meninas.

Nota-se claramente, através das falas preconceituosas e estereotipadas que as crianças reproduzem, que elas podem ter sido ouvidas no ambiente familiar. Há também que se pensar, quais as concepções historicamente construídas que reforçam essa ideia da fragilidade feminina no qual as crianças se apropriam delas, quais as marcas culturais essas crianças trazem consigo? Como desconstruir isso de forma mais efetiva? Fiquei com muitas perguntas e angústias, mas que foram mais bem assimiladas no decorrer da pesquisa com o uso de vários textos de literatura infantil.

## **6.1.FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ - RUTH ROCHA**

O livro conta a história de dois irmãos, Pedro e Joana, que brigavam por tudo. Pedro criticava Joana, por ela gostar de atividades como jogar futebol, subir em árvores, até que um dia, ao passarem por debaixo de um arco-íris, Pedro vira Pedra e Joana vira Joano.

A história nos faz pensar que tanto meninas, quanto meninos, podem brincar do que quiserem, tive que fazer algumas adaptações na história para ficar mais próxima à idade delas. Após contar a história para às crianças, elas elencaram algumas brincadeiras que os meninos podem brincar junto com as meninas. São elas: futebol, subir em árvores, skate, patinete, tocar violão, cantar, brincar com tintas, amoeba, slime, mamãe e filhinho.

Registraram a história com lindos desenhos, mas notei que eles não se envolveram tanto nessa história. As discussões posteriores também não foram muito animadoras. Tentei retomar no outro dia o conteúdo da história, mas as crianças encontravam-se muito agitados.

A parte da história que as crianças mais gostaram foi a que as personagens do livro passavam embaixo do arco-íris e voltavam a ser quem eles eram. Isso me fez pensar referente à identidade. Fiquei pensando nelas, se realmente os conheço se percebo seus anseios, se estou aprendendo a ouvi-los quando precisam. Esse momento de minha intervenção levou-me a estranhar situações que para mim eram comuns em minha sala de aula. Vê-las com outros olhos, tem sido um exercício difícil, mas percebo que estou avançando.

Nos registros referentes à história, pude observar cada detalhe do envolvimento das crianças com as cores. As crianças quando podem expressar-se através da arte deixam claro que, em sua essência, não possuem preconceito com relação à cor, brincadeira, roupas, etc.

**Figura 4 - Registro da figura do livro**



**Figura 4: Acerco da turma**

**Figura 5 - Registro da história do livro**



**Figura 5: Acerco da turma**

Elas são livres e expressam essa liberdade em seus desenhos e isso é maravilhoso. Uma crítica que faço ao conteúdo do livro, é que apesar de ser uma bibliografia para trabalhar as questões de gênero, ele também acaba trabalhando com as normas de gênero. ” Ao dizer o que caberia à mulher e o que caberia ao homem” o livro acaba “reiterando as normas de choro, inadequado para os meninos/homens” (FREITAS,2018, p.124)

Percebe-se que há sempre um conflito até mesmos entre os docentes, sobre como abordar essas questões. Pensar as crianças como sujeitos que podem experimentar livremente os brinquedos, as situações, os seus limites, ainda é um desafio muito grande pois trata de romper com aspectos culturais construídos ao longo dos tempos.

## **6.2.ME CHAMO SUZANA E VOCÊ? - ENRIQUE PAÉZ**

O livro conta a história de um menino que se chama Suzana e quando é matriculado em um colégio chinês até se sente confortável com o nome que tem, pois lá ninguém importa com isso. O problema é quando ele conhece uma menina e isso o traz bastantes constrangimentos. Ao contar essa história para elas, fiquei um pouco decepcionada no sentido de achar que se interessariam, mas na realidade não foi o que ocorreu. Penso que a história não

é mesmo adequada para crianças de quatro e cinco anos. Tentei problematizar com eles a questão de o menino ter um nome de menina, mas mesmo assim não se envolveram e não se interessaram muito em aprofundar a discussão. Após essa tentativa, tive mais cuidado na escolha dos livros para o desenvolvimento do projeto, mesmo assim pude ver que eles utilizaram da história do livro para brincar com ela. Começaram então a mudar seus próprios nomes. João chamou Rui de Ruiela. Lilica de Lilico, Helena foi chamada por mim de Heleno e as crianças em sua simplicidade morriam de rir.

### **6.3.MENINO BRINCA DE BONECA? - MARCOS RIBEIRO**

O livro conta a história do menino Paulinho que estava fazendo aniversário. Seus pais preparam tudo para ele, uma linda festa. Porém ao abrir um determinado pacote de presente, ele tomou um susto ao ver que tinha ganhado uma boneca. Ele sentiu vontade de brincar com a boneca, mas seu primo disse a ele que era brincadeira de menina. Ele brincou com a boneca escondido. Ao visitar sua tia Lenita com seus pais, ele viu o tio Nestor cuidando do bebê e sua prima brincando de carrinho. Ao final da história ele percebeu que as mães sabem cuidar muito bem dos bebês porque fazem isso primeiro ao cuidar das bonecas.

Contei a história para elas e as deixei livre para pensar sobre o assunto. Nesse dia, minha atividade, foi justamente não propor atividade nenhuma. Espalhei todos os brinquedos da sala e apenas observei a brincadeira. Vi que as meninas correram para pegar as bonecas, e logo vi também os meninos se aproximando para brincar com elas. O que achei mais interessante foi que, nesse dia, eles não ficaram disputando os carrinhos que tinha colocado à disposição deles. Eles brincavam com as meninas de papai e filhinho. Imitava o bebê chorar me solicitavam paninhos para fazer roupas para os bebês, ou seja, para as bonecas que estavam sem roupas. Alguns dos meninos vinham me pedir colherzinha para fazer comidinha. Foi um dia muito produtivo.

**Figura 6 - Crianças brincando de panelinha**



**Figura 6: Acerco da turma**

**Figura 7 -Crianças brincando de panelinha, em um fogão improvisado por eles.**



**Figura 7: Acerco da turma**

Observar como as crianças brincam entre si, apenas pelo prazer de observar, é um movimento contrário a tudo que estamos acostumados, pois os tempos na Educação Infantil é muito curto. Verifiquei que muitas vezes o preconceito está nos olhos daquele que vê, a crianças reproduz certos comportamentos preconceituosos dos adultos com os quais ela convive. Também pude perceber como os livros que tentam problematizar as relações de gênero, ainda coloca a mulher representada como aquela pertencente ao mundo doméstico, pois mesmo o menino ganhando uma boneca, aprendendo a brincar com ela, fica evidente que é necessário que faça isso para minimizar a sobrecarga que a mulher carrega com os afazeres domésticos. Em suma ao mesmo tempo que tenta destruir os estereótipos, os reforça.

#### **6.4. MENINA NÃO ENTRA – TELMA GUIMARÃES**

Começo problematizando a capa do livro. Pergunto qual leitura fazem da capa assim inicio contando a história, o nome da autora etc. A história é sobre uma turma de coleguinhas que quer jogar futebol e saem convidando todas as crianças que encontram, mesmo assim ainda fica faltando um jogador. Como não encontraram ninguém colocaram Fernanda para jogar no time. Mas uma menina no time de meninos faz com que todos pensem que não iria dar certo, no entanto Fernanda mostra para eles o quanto ela era habilidosa. O livro é interessante, pois leva as crianças à desconstrução da ideia de que menina não pode praticar determinadas atividades ou esportes e após contar a História pergunto quem quer recontá-la.

Pietra fala: Eles estão pensando só para tirar a menina do futebol.

Conta para a gente Bernardo: Nesse momento ele solta o verbo: Os meninos não queriam que ela se desse bem, aí eles falaram que, as meninas podem jogar futebol, mas elas se machucam, aí depois ele pensou, que era para tirar ela do time, mas ela joga muito bem, e ela é a capitã, e o fim.

Pergunto então para Daniel. Você concorda com o que Bernardo falou? O que aconteceu? Você concorda que a menina joga bem?

Daniel responde que sim.

Pietro fala para a gente o que você mais gostou nessa história? - Perguntei para Pietra, por ser uma criança que gosta sempre de participar das rodinhas de conversas após as histórias.

O menino estava fazendo uma roda, quando eles jogaram futebol, respondeu ele

Alex fala para a gente o que aconteceu na história?

Eles tiraram a menina do time.

Eles tiram a menina do time ou a colocaram? - Pergunto para ele, pois percebo que ele havia trocado os acontecimentos.

Ele apenas responde: Colocaram.

Perguntei para eles: vocês sabiam que o Brasil tem um time de futebol de mulheres? Os meninos começaram a falar sobre o assunto. Daniel disse que joga futebol com suas duas irmãs e assim cada um foi falando sobre futebol com entusiasmo. Mostrei para eles uma foto da seleção feminina de futebol e as meninas ficaram encantadas, pois realmente não sabiam que existia.

## 6.5. PAPAÍ AO MEU LADO – SOOSH

Primeiramente penso que esse livro é um dos que mais me chamou a atenção, não só pelas lindas ilustrações, mas também pelo conteúdo. A história é linda e desconstrói estereótipos masculinos. O livro mostra várias situações no qual o pai tem que exercer o papel de mãe para cuidar de sua filha. Abaixo algumas falas que foram registradas:

Após contar a história perguntei às crianças, o que fala na história hein, o papai pode fazer o que? Rui que o papai pode fazer?

Pode cortar o cabelo, escovar o cabelo da menina.

Mas ele pode escovar o cabelo só da menina? Perguntei. E eles não responderam.

Bernardo falou: A menina escova o cabelo do papai.

Respondi: também né, que mais? O que você achou mais legal na história Alex?

Aquele pai estava protegendo a meninas dos monstros, falou ele - e (realmente tem uma parte da história que cita o papai a protege dos monstros que moram embaixo de sua cama.

As crianças começam a dispersar e outro reclama: o coleguinha cuspiu em mim, outro fala o papai machucou o pé, então interfiro dizendo: olha só gente, isso significa que é só a mamãe que tem que cuidar, pentear o cabelo, dar banho, é só a mamãe que tem que fazer isso?

Fábio responde: Simmmmm.

Pietro fala: minha mãe ajuda eu.

Diego fala que o papai ajuda ele. Pietro continua falando que o pai ajuda a arrumar a blusa. Daniel fala que o papai dele ajuda a arrumar a casa. E falo com eles que principalmente os meninos, podem ajudar a mamãe a arrumar casa.

Daniel pergunta: Pode brincar de boneca?

Eu falei lógico, o que você acha? João fala: oh professora eu queria ajudar a arrumar a casa da minha mãe a, mas ela não deixa.



O que ela fala com você? Que não. Ela te explica o porquê? - perguntei.

E ele respondeu que não.

E você nunca perguntou para ela porque você não pode ajudar?

Fábio responde não.

E lá na sua casa Bernardo, o seu pai ajuda a mamãe?

Ele disse: sim.

E você a ajuda a arrumar a casa, fazer as coisas?

Ele respondeu: eu ajudo minha mãe arrumar os brinquedos

Digo: Isso mesmo, muito bem, tem que ajudar mesmo. Pergunto pra Maria: o que você tem para falar da historinha.

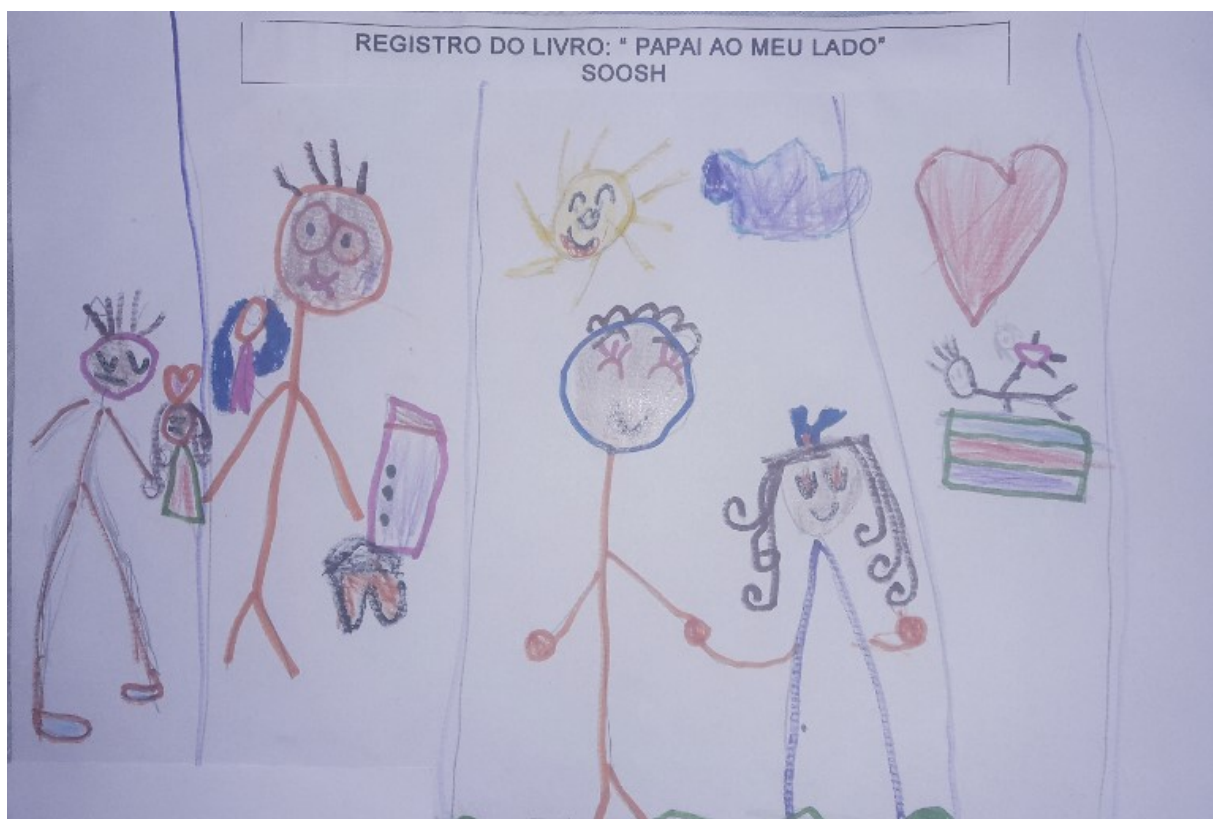
Ela responde: nada... Então encerro o assunto naquele momento

**Figura 8 -Personagens da história**



**Figura 8: Acerco da turma**

**Figura 9 -Desenho retratando a família**



**Figura 9: Acervo da turma**

O mais interessante durante a execução dessa atividade, foram os comentários das crianças sobre o cuidado de seus pais com elas. Algumas relataram que apenas a mãe exerce atividades domésticas referentes ao cuidado do lar. No entanto o que mais me chamou a atenção foi a fala de Fábio que demonstra ter o interesse em auxiliar sua mãe nas atividades domésticas, mas ela não permite. Isso parece ser uma atitude preconceituosa da mãe, em relação a essas atividades, o que traz um certo desconforto para a criança, por já ter internalizado as intervenções efetuadas em sala, na desconstrução desses preconceitos.

## **6.6. O QUE OS MENINOS FAZEM QUE AS MENINAS FAZEM - ILLAN BRENMAN**

Um dia estava eu mexendo em uma caixa de livros na sala dos professores, quando de repente encontro esse livro. Ao começar a leitura percebi que poderia utilizá-lo para mais uma etapa do desenvolvimento do meu plano de ação. O livro em questão aborda diversas brincadeiras que tanto meninas como meninos fazem ou brincam. Entre elas estão correr, brincar de bonecas, subir em árvores, brincar de fazer comidinha, etc. O livro mostra que ambos

podem ter as mesmas vontades. No mesmo dia em que encontrei esse livro, contei para as crianças e foi muito legal, pois pudemos elencar diversas atividades que os meninos e meninas podem fazer juntos e citamos muitas brincadeiras que fazemos na sala.

Fiz uma lista no quadro com brincadeiras que gostamos: amarelinha, dança das cadeiras, corrida do rabo e corrida do saco, adedanha, passa anel, massinha, e depois disso fizemos uma brincadeira livre na área gramada da escola no qual eles brincaram juntos e fizeram comidinha com a grama.

## **6.7. RODINHA DE CONVERSA. AVALIAÇÃO INFORMAL SOBRE O ALCANCE DO PROJETO**

Eu inicio dizendo: Gente, hoje eu trouxe para vocês um livrinho novo para contar para vocês essa história. O que a gente tem conversado sobre os brinquedos das meninas e dos meninos? Maria responde: que os dois podem brincar.

Respondo: isso mesmo que os dois podem brincar e pergunto: O Que mais? Brincar de boneca, o menino pode brincar de boneca, a menina pode brincar de carrinho disse Lilica.

Bernardo fala: E também o Fábio acha que quando o menino brinca om boneca, vira mulher.

Respondo: Fábio acha isso mesmo, inclusive hoje ele nem veio, que pena né...

Maria fala: e também menina pode brincar com espada.

Lilica completa: E também menino pode brincar de boneca

E repondo: sim as meninas podem brincar de espada, inclusive tem um esporte que chama esgrima que as meninas também podem lutar com espada.

Lilica continua: E também menina pode jogar futebol, pode lutar, Estela fala que também tocar violão, pescar.

Lilica fala. Ah eu sei que a menina pode brincar de helicóptero

Respondo: pode.

Alguém disse: pode brincar de roda, roda, de pescar, de pintar. Agora deixa saber: É verdade que a menina tem que brincar ou vestir somente roupa rosa?

Bernardo fala: É verdade vestir roupa rosa.

Insisto novamente somente roupa rosa.

Os meninos respondem vermelho, roxo, laranja, azul. Pode usar a cor que quiser, não é?

E pergunto e o menino? Se o menino quiser usar roupa rosa? Direciono a pergunta para o Diego

Ele responde: Pode usar roupa do grilo, alguém fala na rodinha, de palhaço.

Faço minha intervenção dizendo: porque a gente usa a cor que a gente quer que a gente gosta. Não existe essa coisa de cor rosa só para o menino e o azul só para o menino. As cores são feitas para colorir o mundo.

Lilica fala: Aqui a calça da Estela, quando faz assim (virou a perna), fica preta.

Eu digo, então é uma calça que ela muda de cor. Gente, as cores existem para colorir o mundo, pra gente usar do jeito que quiser.

No meio da conversa Bernardo fala: oh professora: eu te amo.

Respondo eu também te amo você é meu príncipe. Volto para o assunto: então gente o que aprendemos até hoje: E o papai pode ajudar a família? Cuidar do bebê?

Respondem: pode. O irmão pode cuidar da família.

Manoel fala: Sabe o que meu irmão faz? Ele me ajuda (me ajuda, seria o correto).

Porque que o menino pede brincar de boneca então? Pergunto:

Manoel: Porque menina pode brincar com os meninos, mas menino pode brincar com menina e com menina.

Então respondo: Porque quando o menino crescer, ele vai casar e vai ser papai, ele tem que a ajudar a esposa, mamãe do bebê a cuidar do filhinho. La na sua casa Bernardo não foi assim? Seu pai cuida de você até hoje?

Bernardo responde: meu pai ajudava a cuidar de mim e da minha irmã quando era Bebê

Então falo: Essas coisas não é só a mamãe que faz, o papai pode fazer também, pode ajudar a mamãe a arrumar a casa, lavar vasilha.

Helena Fala: oh professora, também criança pode ajudar a mamãe a lavar vasilha.

Completo dizendo: a menina pode ajudar, o menino pode ajudar.

Helena Fala: outro dia de noite, ajudei o meu pai a guarda as coisas e a varrer.

Fala: As crianças têm que brincar, tem que ser livre:

Digo para todos: Que lindo! Isso mesmo, as crianças têm que ser livres, para brincar do que quiser brincar, vestir o que a gente quiser vestir, não é?

Diego: falou que quando estava nascendo a mãe dele o fez dormir. (Criança tem dessas coisas, muda de assunto com uma facilidade)

João Fala: oh professora eu chutei a barriga da minha mãe quando era bebê. Termino então dizendo: a gente então é isso mesmo está bom.

## 7. CONCLUSÃO

O desenvolvimento da pesquisa permitiu que conhecêssemos como são construídas as relações de gênero, através das brincadeiras e do brincar na educação infantil. Uma das razões para o desenvolvimento dessa pesquisa foi possibilitar às crianças na faixa etária de quatro/cinco anos, brincadeiras/brinquedos fora da lógica binária do feminino e masculino.

A relevância da pesquisa consistiu em realizar um enfrentamento do desconhecimento e preconceito por parte dos profissionais da educação, sobre o tema e também desassociá-lo a algo com conotação sexual. Existe uma lógica na construção de certos estereótipos que nos levam a querer que as crianças se comportem de maneiras pré-determinadas, fixando os gêneros e controlando os corpos, gerando com isso categorias binárias, ou seja feminino e masculino.

O debate sobre os estereótipos de gênero na educação infantil, torna-se urgente em virtude de ser um terreno fértil para desconstrução das diferenças, respeito ao outro, crítica ao pensamento dentro da lógica binária, no qual brinquedos e atividades diversas são separadas pensando sempre na divisão “homem/mulher”. Nesse sentido, essa separação leva mais tarde a perpetuação de preconceitos definindo características que cada um deve exercer na sociedade, ficando a mulher sempre destinada a tarefas domésticas, e os homens a tarefas relacionadas ao raciocínio, força, atividades intelectuais.etc. Durante o decorrer da pesquisa pude desconstruir com as crianças, o sexismo através das brincadeiras e do brincar, possibilitando a eles que expressassem livremente seus anseios, fantasias, livres do olhar preconceituoso imposto pela nossa sociedade. Através do brincar as crianças constroem sua identidade, assim é possível também os leva-los a não internalização de certas regras impostas pela sociedade.

Abordar o tema Gênero principalmente na educação infantil, é pensar na construção de sujeitos autônomos, menos machistas e preconceituosos com relação a si mesmos e com relação ao outro. Muitas vezes não conseguimos alcançar a profundidade desse tema, pois muitas vezes incentivamos inconscientemente às crianças a terem atitudes preconceituosas desde a mais tenra idade.

Nesse contexto se percebe então, que não existe um lugar fixo para cada gênero, e que isso acaba sendo construído, ou fixado socialmente, através da perpetuação da cultura. A escola como primeira instância formadora e socializadora da criança, exerce um papel

definitivo a quebra desse processo de controle dos corpos e perpetuação das diferenças. É na interação com os adultos que as crianças se constituem como sujeitos, assim, a escola e a sociedade, utilizam de diversos mecanismos para demarcar e diferenciar os sujeitos, transcrevendo em seus corpos a forma de vestir, ser e agir.

Percebi através do desenvolvimento dessa pesquisa, que muitas vezes a criança já traz consigo algumas falas e atitudes preconceituosas com relação aos brinquedos, principalmente quando se trata de um menino se interessar por brincar com boneca, artefato, culturalmente relacionado ao universo feminino. Mas ao pensarmos que o mesmo artefato cultural “boneca” pode ser utilizado pela criança do sexo masculino, para por exemplo incentivá-los a ser um pai cuidadoso, e amoroso quando se tornar adulto, isso muda totalmente a concepção sobre o olhar que temos. Nesse sentido é preciso primeiro desconstruir o preconceito sobre a ótica que observamos os fatos, para não continuarmos reproduzindo insistentemente certos estereótipos.

Muitos são os desafios, no entanto vejo um avanço, sobretudo na turma de educação infantil em que foi desenvolvida essa pesquisa, pois ao final, já pude observar algumas mudanças significativas no comportamento das crianças. Aprendemos a nos tornar homens e mulheres através do que prescreve nossa cultura. Por outro lado, pude perceber que os livros de literatura infantil que tratam desse tema ainda são muito escassos e alguns livros que discutem as relações de gênero, ainda colocam a mulher representada como aquela pertencente ao mundo doméstico, pois mesmo o menino ganhando uma boneca, aprendendo a brincar com ela, fica evidente que é necessário que faça isso para minimizar a sobrecarga feminina com os afazeres domésticos. Em suma ao mesmo tempo que tenta destruir os estereótipos, os reforça. A escola, portanto, é um desses lugares que nos possibilita mudar a visão eclipsada sobre o gênero como se fosse algo intocável ou distante de nós. Os desafios são grandes, mas possíveis.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Menina não entra**. São Paulo: Editora do Brasil, 2006. Coleção coisas de criança

BELO HORIZONTE: SMED. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil: fundamentos**/Ana Cláudia Figueiredo Brasil Silva Melo (org.) –, 2014. 136 p. (desafios da formação, 1).

BELO HORIZONTE. **Diretrizes da Educação para as relações de gênero da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Secretaria Municipal de Educação/ SMED. 2015, Belo Horizonte.

BICHARA, Ilka Dias. **Brincadeiras de meninos e meninas: Segregação e estereotipia em episódios de faz-de-conta**. Temas em Psicologia. vol.9 no.1 Ribeirão Preto abr. 2001. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2001000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2001000100003). Acesso em 17 de nov.2019

BRASIL (Distrito Federal). **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. Parecer 20/2009**. Rio de Janeiro: Ministério da Fazenda, 13 set. 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf). Acesso em: 15 nov. 2019

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação. Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL/MEC. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Decreto. ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº8069, de 13/07/90**. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Niterói, 2001

BRASIL. **Decreto-lei 8679, de 11 de novembro de 2033**. ° *Cria as unidades municipais de educação infantil e o cargo de Educador Infantil, altera as leis n.º 7.235/96 e 7.577/98 e dá outras providências*.

BRASIL. **Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018**. Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil [...] dá outras providências.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME,2018.Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br> acessado em 15 jan. 2019

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 1999.

BRENMAN, Illan. **O que os meninos fazem que as meninas fazem?** São Paulo: Callis Ed.2008

BUTLER, Judith. **Deshacer El género.** Barcelona: Paidós, 2006

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHAR, Danielle Lameirinhas. Gênero e Educação no Brasil: Tendências das publicações nos últimos 14 anos (de 1990 a 2004). 2005. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005. [Premiada no Concurso de Monografia na área da Educação pela ANPEd em 2006]

DIAS, Vera Lúcia . **Menino e Menina:** Editora: LGE; 2002. 8 páginas

FELIPE, J. Construindo identidades sexuais na Educação Infantil. Porto Alegre: Pátio, n. 7, nov.98/jan. 99. p. 56-58.

FINCO. Daniela. Educação Infantil, Gênero e Brincadeiras: Das naturalidades às transgressões e brincadeiras. UNICAMP GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07 Agência Financiadora: FAPESP. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07945int.pdf>. Acessado em 15/11/2019

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: **Reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos SECAD 4.** Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: formação de professoras/ em **Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.** Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009. 226 p.

GERHARDT, Tatiana Engel. Silveira. Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS.** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GOMES. Vera Lúcia de Oliveira. **A Construção do feminino e masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas.** Florianópolis, 2006. (35-42)

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. Lopes. **A Construção Escolar Das Diferenças** - Capítulo 3, Do Livro Gênero, Sexualidade e Educação, Ed. (Vozes, 1997).

MEYER, D. E. **Gênero, sexualidade e currículo.** In: BRASIL, Educação para a igualdade de gênero, salto para o futuro, ano 17, nov. 2008. (Boletim, 26).



MINAYO. Maria Cecília Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade** 21.ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes 1994

MINAYO. Maria Cecília Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade** 28.ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes 2003

PÁEZ, Enrique. **Me chamo Suzana, e você?** Tradução: Caio Otta Belo Horizonte: Aletria, 2011, 28 p.

PARAÍSO, Marlucy Alves. CALDEIRA Maria Carolina da silva. **Pesquisas sobre Currículos, gêneros e Sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **A Ciranda do Currículo com gênero, poder e resistência**. 2016. Currículo sem fronteira, V.16. p.388-415.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola Municipal de Educação Infantil, Professora Marta Nair Monteiro**. BH.2012.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?** Editora: Melhoramentos. 2001,58 p.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. Editora: Salamandra; 2009, 32 p.

VIANA Claudia. FINCO Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cad. Pagu nº33 Campinas. 2009

SILVA, Lúcia Isabel da Conceição et al. **Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral**. Psicol. Reflex. Crit. 2006, vol.19, n.1, pp.114-121. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000100016>.. Acesso em: 17 nov.2019

SOOSH. **Papai ao meu lado**. Tradução: Thiago Queiroz São Paulo: V&R Editoras, 2018

STEINLE. Marlizete Cristina Bonafini Steinle. **A importância do jogo para a aprendizagem e para o desenvolvimento da criança**.In: Ludicidade e Educação: São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

Vídeo. **Gênero para crianças**.Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/chjMuabW2-Q>. Acesso em 17 nov. 2017

Vídeo: **O diário de Mika: Brinquedo de Menino**.Youtube.Disponível em: <https://youtu.be/HtEcZewQ1FM>. Acesso em 17 nov.2017

SUZUKI. Juliana Telles Faria. [Et al] Ludicidade e Educação. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012.